

O direito à dimensão existencial nas cidades

Susana Mourão

Licenciada em Sociologia Universidade de Évora
Pós graduada em Design Urbano – Centro Português de Design e Universidade
Barcelona
Email: susmourao@gmail.com

Fecha de recepción: 22 de mayo
Aceptación final del artículo: 5 de octubre de 2014

O planeamento das cidades contemporâneas reduz-se na aplicação de normas urbanísticas em torno de projectos arquitectónicos, que são os instrumentos de excelência na transformação das cidades.

Em Portugal, a reabilitação urbana é um discurso dominante, nomeadamente nos centros históricos das cidades, que são habitados por pessoas idosas com mais de 65 anos, que vivem nas suas casas há mais de 40 anos e pagam rendas muito baixas, que têm rendimentos muito baixos e vivem em más condições de habitabilidade.

Neste contexto, para a reabilitação destas áreas habitadas e degradadas, são realizados projectos de arquitectura de acordo com as normas urbanísticas para os edifícios que estão muito degradados. Olhando para os projectos de arquitectura enquanto instrumentos de transformação das cidades, nada nos dizem sobre a dimensão existencial de quem habita nestas casas, que estão cheias de “coisas”, móveis, utensílios, roupas e objectos.

Quando os moradores saem das suas casas para a execução das obras, manifestam comportamentos de desorientação, tristeza, revolta, ansiedade, choro, melancolia, etc. porque o lugar que habitaram vai morrer. Para entender este comportamento manifestado pelos moradores, realizaram-se práticas audiovisuais segundo o método exploratório. Em 2008, começaram as filmagens em torno do quotidiano de uma idosa no Centro Histórico de Évora, que aos 77 anos de idade vai sair pela primeira vez da casa onde nasceu e sempre viveu, para a execução de obras na sua casa.

Em 2012, com esta prática audiovisual em torno desta experiência corporal enquanto expressão emocional manifestada pela moradora, conclui-se que a cidade contemporânea transforma-se a partir de projectos arquitectónicos vazios que não respeitam e anulam a orientação e a identificação de quem as habita. E neste sentido, é emergente o direito à dimensão existencial nas cidades.

Palavras-Chave: política urbanística, projecto, processo, experiência, dimensão existencial

The right of the existential dimension in the cities

The planning of the contemporary cities is reduced to the application of urban regulations around architectural projects, which are the main instruments for the transformation of the cities.

In Portugal, the urban regeneration is the dominant agenda for the historic city centers, which are inhabited by old people with more than 65 years old, living in their houses for more than 40 years, paying lower rents, earning lower income, and without proper habitability conditions.

For the regeneration of these inhabited and degraded areas, architectural projects are made according to urban regulations and, in the case of the most decayed buildings. Looking at the architectural projects as instruments for the transformation of the cities, they tell us nothing about the existential dimension of those who live in the houses, full of “things”, furniture, utensils, clothes and objects. When the old people leave their homes, they feel homesick, sadness, angry, anxiety, melancholy, because the place they lived in is going to die. To understand this behaviour manifested by the inhabitants, audiovisual practices were made according to the exploratory method. The shooting began in 2008, around the daily life of a 77 years old woman who was about to leave her home for the first time, in which she was born and lived all her life, to carry out the regeneration works.

In 2012, with audiovisual practice dealing with this bodily experience while emotional expression manifested by the old woman, one concludes that the contemporary city transforms itself upon empty architectural projects, which do not respect, and abolish, the orientation and identification of those who live in there. And so, it's urgent the right to the existential dimension in the cities.

Key Words: *urban policy, project, process, experience, existential dimension*

Introdução

Em 2000, o Governo Português criou o regime de apoio à recuperação habitacional em Áreas Urbanas Antigas – REHABITA. Através deste programa, o Governo pretendia dinamizar a reabilitação das áreas urbanas antigas declaradas como Áreas Críticas de Recuperação e Reconversão Urbanística (ACRRU) e que tenham Planos de Pormenor ou Regulamentos Urbanísticos Aprovados.

O programa REHABITA apoiou a reabilitação urbana, através da execução de obras de conservação, de beneficiação e de reconstrução de edifícios habitacionais com contratos de arrendamento antigos e as respectivas acções de realojamento, decorrentes destas operações de reabilitação. A implementação do programa REHABITA implicou a celebração de Acordos de Colaboração entre o IGAPHE, hoje Instituto de Habitação e Reabilitação Urbana, os Municípios e os respectivos proprietários dos edifícios.

Em 2002, o Município de Évora celebrou o acordo de colaboração com o antigo IGAPHE – IHRU e os proprietários dos edifícios situados no Centro Histórico de Évora, que é classificado pela UNESCO como Património Mundial desde 1986. A assinatura deste acordo de colaboração para a implementação do programa REHABITA vem ao encontro da classificação do Centro Histórico de Évora como “Área Crítica de Recuperação e Reconversão Urbanística” em 1997, pelo “envelhecimento e o estado obsoleto de muitas das infra-estruturas”¹ que devido à “limitada capacidade de intervenção da Câmara Municipal de Évora, têm concorrido para a conseqüente degradação dos edifícios e o agravamento das condições de segurança e salubridade, e só a tomada de medidas adequadas poderá obviar aos inconvenientes e perigos inerentes às mencionadas situações.”²

Neste contexto, este artigo desenvolve-se em torno da experiência adquirida no âmbito da implementação do programa REHABITA no Centro Histórico de Évora. Na primeira parte, este artigo faz o enquadramento da política de salvaguarda e valorização do Centro Histórico de Évora, através das regras urbanísticas no âmbito Plano de Urbanização de Évora. No seguimento, um olhar sobre a implementação do programa REHABITA, enquanto programa específico de salvaguarda e valorização do Centro Histórico de Évora e apresenta-se a metodologia participativa desenvolvida na implementação do programa. Por outro lado, abordaremos a experiência com os moradores no âmbito dos processos de reabilitação das suas casas, isto é, a experiência do corpo enquanto expressão emocional. É neste contexto, que surge a necessidade de realização das práticas audiovisuais através do método exploratório, para entender a subjectividade manifestada pelos moradores no âmbito do processo de reabilitação das suas casas.

Na segunda parte apresenta-se uma prática audiovisual realizada no âmbito de um processo de reabilitação do Centro Histórico de Évora. Esta prática audiovisual começou em 2008 e acompanhou uma moradora de 77 anos, que saiu pela primeira vez da casa onde nasceu e sempre viveu, para a realização das obras na sua casa. É através desta prática audiovisual, em torno do quotidiano da moradora, que vamos ao encontro da dimensão existencial deste lugar, que não tem condições de habitabilidade. Por último, algumas conclusões em torno da política de reabilitação das cidades nomeadamente a defesa pelo direito à dimensão existencial nas cidades.

¹ Decreto-Lei nº 25 de 23 de Junho de 1997

² Decreto-Lei nº 25 de 23 de Junho de 1997

1. A política urbanística de salvaguarda e valorização do Centro Histórico de Évora

O Centro Histórico de Évora foi classificado como Património da Humanidade, em 1986 pela Unesco. Esta classificação é delimitada pela muralha "Vauban" construída no século XVII e no seu interior estão 20 séculos de história dos povos e civilizações que habitaram em Évora. O Centro Histórico de Évora "é o melhor exemplo de cidade da idade de ouro portuguesa após a destruição de Lisboa no terramoto de 1755"³ e "só a paisagem urbana de Évora permite actualmente compreender a influência exercida pela arquitectura portuguesa no Brasil, em sítios como Salvador da Baía (inscrito em 1985 na lista de Património Mundial)"⁴.

Com a classificação como Património Mundial, o Centro Histórico de Évora é objecto de uma política de Salvaguarda e Valorização Patrimonial, através do Plano de Urbanização, da responsabilidade da Câmara Municipal de Évora. No Plano de Urbanização de Évora, o Centro Histórico é identificado como "um grande conjunto de valor patrimonial" sendo "um elemento primordial de estruturação, caracterização e identificação da cidade de Évora".⁵

Este conjunto de valor patrimonial é identificado como "A Cidade Intramuros" que é delimitada pela "área envolvente, a norte e poente, e pela cerca medieval e, a sul e a nascente, pela muralha do Século XVII/XVIII, coincidindo com o espaço classificado Património Mundial da Unesco em 26 de Novembro de 1986 e considerado o melhor exemplo de cidade da idade de ouro portuguesa pelo ICOMOS. Inclui 35 imóveis classificados por decreto, entre 190 elementos de valor patrimonial."⁶

Para além da Vocação Patrimonial, a Cidade Intramuros "deverá manter a sua plurifuncionalidade com a presença da habitação, do terciário, equipamento, comércio e serviço, hotelaria e indústria artesanal"⁷ e todas as "obras relativas a edificações deverão procurar compatibilizar uma atitude de salvaguarda e

³ Declaração de Valor do Centro Histórico de Évora, UNESCO 1986, para consulta em: www.cmevora.pt/pt/conteudos/areas%20tematicas/centro%20historico/Patrim%20%b3nio%20da%20Humanidade.htm

⁴ Declaração de Valor do Centro Histórico de Évora, UNESCO 1986

⁵ Plano de Urbanização de Évora, artº8, nº1, para consulta em: <http://www.cmevora.pt/NR/rdonlyres/000111bb/hraqqnkjwlnqivbxvuttbevkyqpkpdev/PlanodeUrbanizacao.pdf>

⁶ Plano de Urbanização de Évora, artº8, nº1, para consulta em: <http://www.cmevora.pt/NR/rdonlyres/000111bb/hraqqnkjwlnqivbxvuttbevkyqpkpdev/PlanodeUrbanizacao.pdf>

⁷ Plano Urbanização de Évora, Capítulo III

valorização do património com o objectivo de dotar todos os edifícios de boas condições de habitabilidade”⁸.

Por “Património” entende "todos os espaços, conjuntos, edifícios ou elementos pontuais cujas características morfológicas, ambientais ou arquitectónicas se pretende preservar e como tal sejam identificados"⁹ e deverão "ser salvaguardados e valorizados em todas as intervenções a efectuar na cidade"¹⁰ isto é, a Salvaguarda e Valorização Patrimonial consiste na “preservação do carácter e dos elementos determinantes que constituem a sua imagem adaptando-os à vida contemporânea”¹¹ sendo todas as intervenções condicionadas "em função do património, das transformações do seu espaço envolvente".¹²

Este conjunto de grande valor patrimonial, onde estão inseridos 35 imóveis classificados e 190 elementos de valor patrimonial, todas as intervenções estão condicionadas à sua função patrimonial, através da preservação das características morfológicas, ambientais e arquitectónicas, isto é, valorizar e salvaguardar o seu carácter¹³ visual. A preservação das características morfológicas, ambientais e arquitectónicas são de acordo com a classificação dos edifícios e das fachadas, conforma a figura nº1:

⁸ Plano Urbanização de Évora, artº8, nº1

⁹ Plano Urbanização de Évora, artº62

¹⁰ Plano Urbanização de Évora, artº66, nº1

¹¹ Plano Urbanização de Évora, artº5, nº1

¹² Plano Urbanização de Évora, artº7, nº1

¹³ Plano Urbanização de Évora, artº7, nº2, a)

Figura nº1 – carta de valores patrimoniais



Fonte: Câmara Municipal de Évora

Os edifícios são classificados como Monumentos Nacionais e de valor patrimonial E1, E2 e E3. Quanto aos Monumentos Nacionais apenas poderão ser objecto de “obras de conservação, restauro e eventualmente de reabilitação”¹⁴, os edifícios com valor patrimonial E1 e E2 apenas serão objecto de “obras de conservação, restauro e reabilitação, com preservação integral da fachada”¹⁵, os edifícios com valor patrimonial E3 apenas serão objecto de “obras de conservação, restauro e reabilitação que poderão estender-se à fachada”¹⁶.

¹⁴ Plano Urbanização de Évora, artº7, nº2, b)

¹⁵ “Character” is at the same time a more general and a more concrete concept than “space”. On the one hand it denotes a general comprehensive atmosphere, and on the other the concrete form and substance of the space-defining elements...We have pointed out that different actions demand places with a different character.” in Schulz, Christian Norberg, *Genius Loci, Towards a phenomenology of architecture*, 1984: 14

¹⁶ Plano Urbanização de Évora, artº13

Assim, os projectos de intervenção deverão cumprir os objectivos gerais de defesa do património, mesmo quando se trate de dotar um edifício de condições mínimas de habitabilidade, isto é, alterar um edifício para dotar de iluminação e ventilação natural ou ampliar o edifício para ter uma dimensão mínima de habitabilidade como um T0, conforme o Regime Geral de Urbanização Urbana, a solução projectada não poderá contrariar as razões que determinaram a classificação do edifício. Por outro lado, caso sejam encontrados elementos arquitectónicos que valorizem o edifício, as regras anteriores não se aplicam.

Para além dos edifícios classificados, também são objecto de salvaguarda e valorização as fachadas de valor patrimonial, sendo classificadas de F1 e F2. As fachadas classificadas de F1 deverão ser preservadas e as F2 poderão sofrer alterações controladas, mas não podem perder o traçado anterior ou o seu perfil de conjunto. Para as fachadas classificadas que estejam em ruína recomenda-se a demolição e a consequente reconstrução de acordo com as características da fachada, através de um projecto rigoroso do existente e respectiva documentação fotográfica.

Para além do edificado, existem zonas verdes de valor patrimonial que deverão ser preservadas com as características da época ou épocas de construção. Contudo, todo o Centro Histórico deverá ter acompanhamento histórico/arqueológico nas intervenções no subsolo e nas estruturas dos edifícios, pois caso se verifique a descoberta de elementos patrimoniais arquitectónicos ou achados arqueológicos, o Município de Évora poderá suspender as intervenções, para o respectivo estudo, identificação e registo dos elementos encontrados. Só após o estudo, identificação e registo dos elementos poderão prosseguir as intervenções.

Também existem elementos de valor patrimonial com classificação por P que deverão ser conservados e valorizados, tais como, chaminés, platibandas, reixas, grades de ferro decoradas em varandas, açoteias, mirantes e contramirantes.

Resumindo, todas as intervenções no Centro Histórico de Évora seguem um projecto de arquitectura de acordo com as regras urbanísticas específicas, devendo todas as intervenções nele promovidas, ter como premissa e condicionante, a salvaguarda e valorização das características expressas e deverá ser objecto de programas específicos de salvaguarda e valorização¹⁷.

1.1. Programas específicos de salvaguarda e valorização do Centro histórico de Évora: REHABITA

O Centro Histórico de Évora é, sem dúvida, um centro urbano único, pela sua beleza, homogeneidade e dimensão, e pelo valor do seu património cultural e

¹⁷ Plano Urbanização de Évora, artº8, nº 3

arquitectónico, mas entre os 35 imóveis classificados por decreto e 190 elementos de valor patrimonial, existe a "arquitectura menor, dos sécs. XVI, XVII e XVIII que se exprime globalmente num conjunto de casas térreas, brancas de cal, cobertas de telhas ou terraços, apertadas ao longo de ruas estreitas que seguem a estrutura medieval no núcleo antigo e ilustram o crescimento concêntrico até séc. XVII"¹⁸ onde habitam pessoas.

Segundo o estudo, realizado pela Câmara Municipal de Évora em 2001, para conhecer as condições de habitabilidade dos edifícios no Centro Histórico, que é Área Crítica de Recuperação e Reconversão Urbanística desde 1997, concluiu-se que os edifícios com más condições de habitabilidade, eram habitados por:

- pessoas que residem há mais de 40 anos - 38% da população residente;
- pessoas residentes com mais de 65 anos - 40% da população;
- pessoas residentes com contratos de arrendamento muito antigos - 38% da população;
- pessoas residentes com rendimentos inferiores a um salário mínimo nacional - 36% da população.

Assim, conhecendo as condições de habitabilidade no Centro Histórico, a Câmara Municipal de Évora celebrou o acordo de colaboração com o INH (Instituto Nacional de Habitação, que posteriormente transitou para o actual IHRU – Instituto de Habitação e Reabilitação Urbana) e com os proprietários dos edifícios, para a implementação do Programa REHABITA

Através do programa REHABITA, o Município de Évora criou condições para a reabilitação dos imóveis degradados dos moradores que residem à mais de 40 anos, com mais de 65 anos, com rendimentos inferiores a 1 Salário mínimo nacional e sobretudo, inquilinos com contrato de arrendamento muito antigos (<1980) com rendas muito baixas. Isto é, os edifícios com contratos de arrendamento para habitação anteriores a 1980 (em vigor) tiveram acesso ao programa REHABITA para a realização de obras de conservação (ordinárias e extraordinárias). As obras de conservação (ordinárias e extraordinárias) são obras de prevenção na conservação dos imóveis, tais como: a limpeza e conservação de coberturas, caixilharias, limpezas de fachadas e limpezas gerais das partes comuns dos imóveis. Estas obras de conservação não carecem de licenciamento, apenas a comunicação prévia da sua realização.

Para além das obras de conservação, o programa REHABITA apoiou obras de beneficiação e de reconstrução de edifícios. As obras de beneficiação e

¹⁸ Declaração de Valor do Centro Histórico de Évora, UNESCO 1986, para consulta em:
www.cmevora.pt/pt/conteudos/areas%20tematicas/centro%20historico/Patrim%c3%b3nio%20da%20Humanidade.htm

reconstrução são de intervenção profunda, isto é, obras curativas das patologias dos edifícios. Estas obras curativas nos imóveis foram ao nível das estruturas, das coberturas, das infra-estruturas, etc. Estas intervenções de beneficiação e de reconstrução necessitaram de licenciamento no município e do IGESPAR, com os respectivos projectos de arquitectura, de estruturas, infra-estruturas e diversas especialidades.

A gestão dos processos de reabilitação foi longa no tempo, desde a realização do processo de licenciamento da obra à realização do processo de candidatura REHABITA para o financiamento da reabilitação. Assim, a gestão de processos de reabilitação, geralmente foram dois e mais anos de gestão participativa desenvolvida pelo Município de Évora:

- Com o IHRU e os proprietários com respectivos técnicos contratados para o processo de licenciamento da reabilitação;
- Com todos os interessados na reabilitação desde os técnicos do município e os técnicos privados, os proprietários, os inquilinos;

No desenvolvimento da gestão participativa, os moradores não foram apenas observadores na realização dos projectos¹⁹ mas participantes em todas as etapas dos projectos de reabilitação. Como os processos de reabilitação são longos no tempo (2 a 4 anos), a gestão participativa entre todos os interessados, transforma-se em gestão relacional através do envolvimento gerado entre todos dos interessados para o mesmo fim: a reabilitação do edifício.

1.1.1. A experiência do corpo enquanto expressão emocional

Com o tempo, a gestão participativa transforma-se em gestão relacional²⁰, que foi essencial no âmbito dos processos de reabilitação profunda, cujos moradores saíram temporariamente das suas casas. No âmbito do processo de realojamento, os moradores manifestaram comportamentos de desorientação, de angústia, de ansiedade, de tristeza, de melancolia, de choro, de dúvidas, de revolta e incertezas quanto aos projectos de reabilitação das suas casas.

¹⁹ "...o projecto pode ser definido como "a intenção de uma transformação do real, guiada por uma representação do sentido dessa transformação tendo em consideração as condições reais, e animando as práticas." As emoções estão ligadas aos projectos e integram-nos na medida em que "uma sociologia dos projectos deve ser, em larga medida, uma sociologia das emoções", in Guerra, Isabel, Fundamentos e Processos de Uma Sociologia da Acção, O planeamento em Ciências Sociais, Principia, Cascais: 118

²⁰ Mourão, Susana, Do projecto de reabilitação de edifícios habitacionais ao projecto de reabilitação emocional - REHABITA, in actas do 2º Congresso Internacional da Habitação em Espaço Lusófono, 2013

Através da manifestação deste comportamento, verifica-se que estas casas estão preenchidas pelo sentido humano de habitar e o carácter destas casas, não é apenas uma imagem, mas sim, um carácter significativo para quem as habita. Estas casas são fenómeno do dia a dia da vida humana, e o seu carácter não pode ser reduzido à estrutura física, isto é, às suas características morfológicas, ambientais e arquitectónicas, mas como, a estrutura física se relaciona com a estrutura psicológica de quem habita enquanto envolvente significativa.²¹

Assim, no âmbito da gestão relacional²² desenvolvida nos projectos de reabilitação, possibilitou participar nesta experiência²³ com os moradores do Centro Histórico de Évora, que revelaram a sua subjectividade²⁴ através da experiência do seu corpo enquanto expressão emocional.²⁵

Assim, recusando a privação sensorial e a passividade corporal²⁶ e dando lugar à subjectividade²⁷ dos moradores, surgiu a possibilidade de realizar práticas

²¹ “Man dwells when he can orientate himself within and identify himself with an environment, or, in short, when he experiences the environment as meaningful” in Schulz, Christian Norberg; 5

²² “A gestão participativa dos projectos de reabilitação dos edifícios habitacionais é essencial a participação dos interessados no processo. Com o tempo, a gestão participada entre os interessados (técnicos, proprietários e inquilinos) transforma-se em gestão relacional de envolvimento entre as partes para o mesmo fim: a reabilitação do edifício. Esta transformação de gestão participada para gestão relacional é essencial, nomeadamente quando passamos à execução das obras de reabilitação.” In Mourão, Susana, actas congresso internacional de habitação em espaço lusófono, LNEC, Do projecto de reabilitação de edifícios habitacionais ao projecto de reabilitação emocional – REHABITA, 2013

²³ “a noção corrente de experiência é ambígua e vaga, sobretudo porque ela evoca dois fenómenos contraditórios que, no entanto, importa ligar. Num primeiro sentido, a experiência é uma maneira de sentir, de ser invadido por um estado emocional suficientemente forte para que o actor deixe de ser livre descobrindo ao mesmo tempo uma subjectividade pessoal... uma segunda significação: a experiência é uma atividade cognitiva, é uma maneira de construir o real e, sobretudo, de o verificar, de o experimentar” in François Dubet, 1996: 94-95

²⁴ “a experiência social constituída a partir de um princípio de subjectivação onde o indivíduo nas suas emoções, nos seus sentimentos, na sua indignação, no seu sofrimento, na sua distância e no seu empenhamento” in François Dubet, 1996: 261

²⁵ “a sociologia da experiência social só pode ser uma sociologia dos actores. Ela estuda representações, emoções, condutas e as maneiras como os actores as explicam. Ela é uma sociologia da subjectividade cujos objectos práticos, dados pelas categorias sociais banais, têm todas as probabilidades de surgirem como problemas sociais, como experiências em que as condutas não correspondem às expectativas e aos papéis atribuídos, em que a subjectividade não remete para os modelos das atitudes e das representações propostas” in François Dubet, 1996: 262-263

²⁶ “Fui tentado a escrever essa história sem levar em conta um problema contemporâneo: a privação sensorial a que aparentemente estamos condenados pelos projectos arquitectónicos dos mais modernos edifícios; a passividade, a monotonia e o cerceamento táctil que aflige o ambiente urbano. Essa carência dos

audiovisuais exploratórias, para entender esta experiência corporal com expressão emocional dos sujeitos²⁸, no âmbito dos processos de reabilitação das suas casas.

Para a realização destas práticas audiovisuais, os moradores não foram apenas objectos de estudo, mas sujeitos desta experiência, e o filme exploratório desenvolveu-se segundo as fases do processo de reabilitação²⁹, que começaram com a preparação da mudança para a casa temporária, com a casa temporária, com a casa vazia, com a casa em obras, com a casa reabilitada e por último, com o regresso à casa.

Para a realização das filmagens,³⁰ foi essencial a colaboração de Marta Galvão Lucas, escultora, que se assumiu como parte integrante dos processos³¹ de

sentidos tornou-se ainda mais notável nos tempos modernos em que tento se privilegiam as sensações do corpo e a liberdade de movimentos. Minhas investigações sobre como o espaço pode tolhe-las sinalizaram um problema que de início parecia falha profissional – em seus projectos, urbanistas e arquitectos modernos tinham de alguma maneira perdido a conexão com o corpo humano.”in Sennett, Richard, 2003: 15

27“o estudo objetivo da subjectividade dos actores determina uma relação particular nos indivíduos desde o momento que lhes sejam reconhecidas certas capacidades, especialmente as de construírem a sua própria experiência. A recusa de uma concepção radical de ruptura epistemológica leva a conceber a pesquisa sociológica como uma forma de debate entre os actores e investigadores que reconhecem ao mesmo tempo o que têm de comum e o que os separa.” in François Dubet, 1996: 263

28 “Rouch propõe que os seus actores, «antes objectos de estudo. Feitos sujeitos» representem a sua própria vida perante a câmara e para a câmara e colaborem no modo de no processo de filmagem, seguindo o modelo Flaterty na rodagem de Nannok (1922), de modo que o argumento vá adquirindo forma durante o próprio processo de produção do filme, que incluiria a participação das pessoas filmadas a quem mostrava as imagens («feedback», «antropologia partilhada».”in Ribeiro, José da Silva, 2004: 146

29 “No desenvolvimento do processo exploratório é fundamental um bom conhecimento do terreno, das pessoas e dos lugares. Não um conhecimento apenas teórico, mas um terreno vivido. Fundamental, também é uma linha de orientação. Pode ser ténue, mas deve existir para organizar a experiência de terreno, gerar auto-confiança e a confiança das pessoas participantes.” in Ribeiro, José da Silva, 2004:143, 144

30 para a realização das filmagens era necessário que a “câmara saísse da imobilidade expectante e observadora (observação exterior de uma totalidade fechada, reificada e [des]historizada, se tornasse câmara viva, relacional, adaptando-se à acção em função do espaço e do processo observado, que penetrasse na realidade e não apenas assistisse ao seu desenrolar perante o observador.” .” in Ribeiro, José da Silva, 2004: 146

31 “...a observação objectiva é um mito e qualquer situação de pesquisa fabrica o seu material independente mesmo dos postulados teóricos e das hipóteses do

reabilitação, recusando assim, a sua passividade corporal e a sua privação sensorial. Por outro lado, foram assumidos os meios que tínhamos, uma Câmara de Filmar Sony, Digital Handycam e cassetes Mini DV, que foram essenciais, para a realização de filmagens exploratórias em torno da subjectividade dos moradores.

Figura 2: A Câmara de Filmar



Fonte: Mourão, Susana, 2008

2. Uma prática audiovisual a partir da reabilitação do Centro Histórico de Évora

Todos os processos de reabilitação no âmbito do programa foram desencadeados pelos moradores. Em 2001, a moradora na Rua do Cano 75, no Centro Histórico de Évora, enviou uma carta à Câmara Municipal de Évora, a dar conhecimento das más condições de habitabilidade, conforme a figura que se segue:

investigador. Qualquer pesquisa é já uma relação social na qual o observado observa também o observador.” in François Dubet, 1996: 101

Figura 3 e 4: A carta da moradora

C. M. EVORA
17/ABR/14320
Entrada
Exmo. Senhor / Sr.
Presidente da Câmara
Municipal do Évora

Évora, 16 Agosto de 2001

Fu, Henriqueta Maria Vieira dos Santos, moradora na Rua do Cano n.º 75 em Évora, não obstante ter solicitado ao senhor Sr. Eng. Abel Albuquerque, residente na Quinta dos Mendos Os Paços, em Évora, a execução das obras necessárias ao suprimir deturpações e anomalias actualmente existentes no prédio, não obtive da parte daquele senhorio qualquer resposta.

Confrontado com situação tão grave, e considerando em absoluto o estabelecido no Decreto-lei n.º 321-B/90, de 15 de Out, cuja alternativa não está prevista a de vir solicitar a J. Ex.ª se digue ordenar as necessárias diligências para que o respectivo proprietário seja instigado a executar no prédio as obras que lhe solicitei e que constam da cópia da carta enviada ao proprietário, e que se resume ao arranjo do telhado para melhorar as condições de habitabilidade, visto estar em lista de ruína.

Juntam-se fotocópia da carta enviada ao senhorio que não obtive resposta, e de que o senhorio recebeu a carta

No dia 2 de Agosto de 2006, cópia
do último recibo da renda.

Com os melhores cumprimentos e espero
da parte de V. Exa a maior brevidade
possível, visto pu renunciada e
ter 70 anos e poucas posses para
remedia a situação.

Henriqueta Maria Dina dos
Santos

Ps: Não envio cópia do recibo de
recuperação, visto o conteúdo já-lo perdido.
Foi entregue aos Comissários do
respeitivo aviso, logo que o recibo
enviarem a V. Exa Sr. Presidente do Município
Municipal de Évora.

Fonte: Câmara Municipal de Évora

No seguimento desta carta, apenas em 2006, o processo de reabilitação começou no âmbito do programa REHABITA. A habitação estava em mau estado de conservação e não tinha condições de habitabilidade: não tinha casa de banho, não tinha condições de higiene e salubridade, sendo necessária uma intervenção profunda.

Este edifício está inserido em zona de protecção contígua ao Monumento Nacional "Aqueduto da Água de Prata" e a sua fachada é Classificada de F1, sendo que deverá ser preservada. Apesar de ter 2 pisos, edifício é de influência rural, com 70 m², ocupando um lote de 3,5 m de largura e 10 m de comprimento.

A fachada tem poucas aberturas, apenas a porta de entrada e uma janela no 1º piso, sendo marcante a chaminé alta situada à face da rua, sem elementos decorativos. O projecto de arquitectura direccionou-se na criação de um saguão para a criação de luz natural e ventilação do edifício, para a construção de uma casa de banho e de uma cozinha, e alterou a escada de acesso ao piso 1.

Neste sentido, propõe-se manter a estrutura do edifício e adaptar a cobertura de forma a criar o saguão e melhorar as condições de isolamento térmico, conservando o tipo de telha existente e com particular preocupação com a inclusão de rulos e caleiras. Quanto à fachada é mantida na sua essência, mas propõe a construção uma janela no piso 0, idêntica à existente no piso 1.

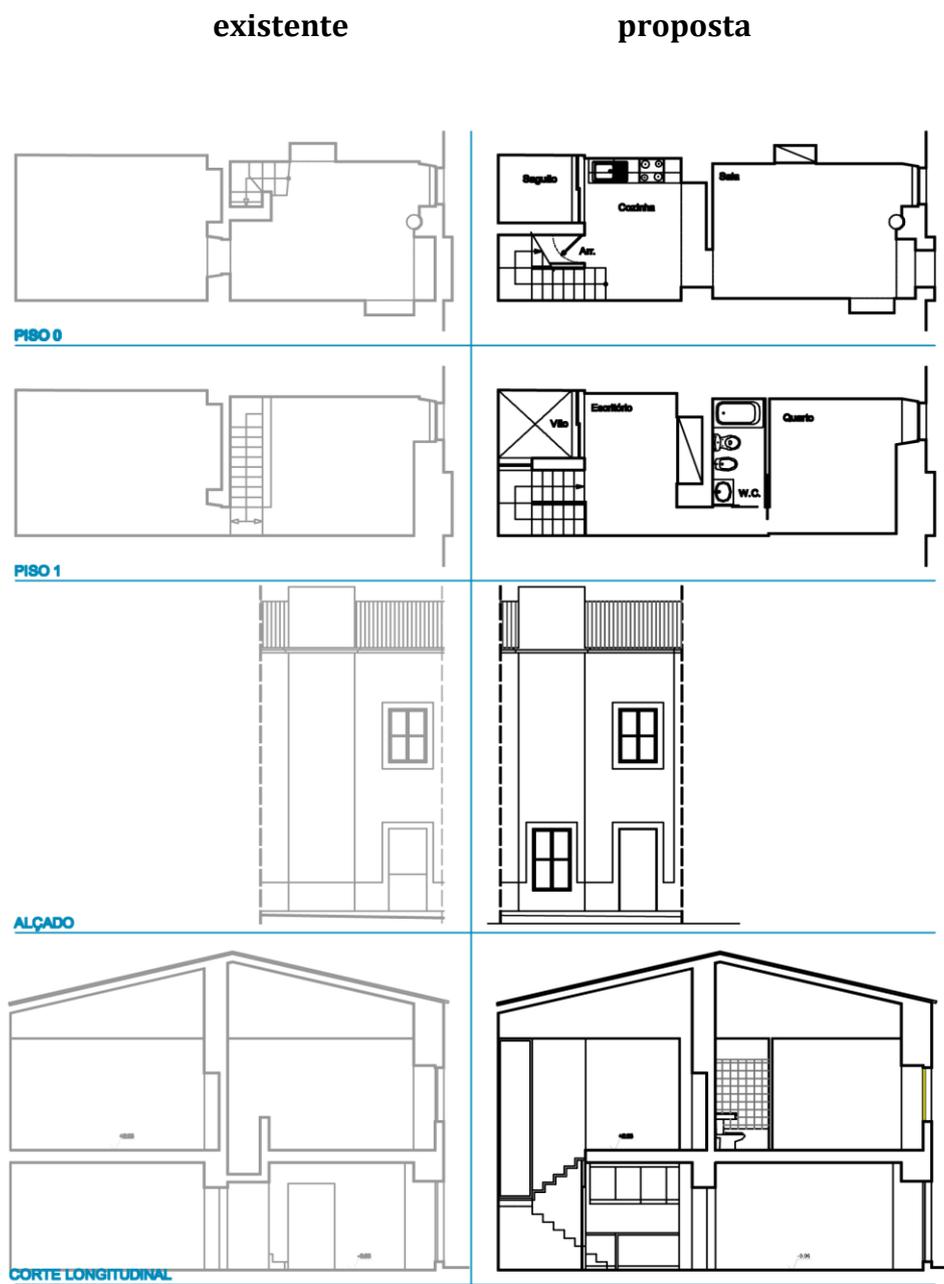
No interior do edifício mantêm-se os arcos de suporte da estrutura à vista, e as paredes serão revestidas a gesso cartonado com isolamento. A nova escada será em estrutura metálica e forrada a madeira.

Os pavimentos serão substituídos por mosaico no piso 0 e no piso 1 será de madeira flutuante. As canalizações serão construídas assim como os esgotos, e a instalação eléctrica será alterada. Com esta intervenção, pretende-se ao nível do piso 0 as áreas comuns, sala e cozinha e arrumo, ao nível do piso 1 a área privativa, o quarto, a casa de banho e um pequeno espaço multifuncional.

Ao longo deste projecto de arquitectura verificamos que se pretende preservar o carácter visual do património, ao mesmo tempo, que propõe a adaptação do edifício à vida contemporânea da função habitar.

Por outro lado, através do projecto de reabilitação do edifício situado na Rua do Cano 75, apenas sabemos a sua localização, as condicionantes patrimoniais, o mau estado de conservação e as más condições de habitabilidade, conforme a figura 5. Para além disto, o espaço deste edifício apresenta-se como “vazio”, e a partir deste espaço “vazio” projecta-se um desenho rigoroso condicionado às questões patrimoniais e às condições contemporâneas da função habitar.

Figura 5 – Plantas com o existente e proposta de reabilitação da Rua do Cano 75, em Évora



Fonte: Arquitecto Pedro Marques, autor do projecto

Figura nº 6 - Entrada no edifício na Rua do Cano 75 em Évora



Fonte: Mourão, Susana, 2008

A partir da aprovação deste projecto de reabilitação profunda, fomos ao edifício antes das obras e entramos por esta porta. Quando entramos, verificamos que o espaço apresentado como “vazio” no projecto de arquitectura está cheio de “coisas” como móveis, roupas, utensílios e objectos.

Figura nº7: Uma casa cheia de “coisas”



Fonte: Mourão, Susana e Lucas, Marta, in vídeo still “Henriqueta, uma cartografia íntima” Prática Documentada, 2007112, in <http://vimeo.com/68550730>

Estas "coisas", como móveis, roupas, utensílios e objectos são de Henriqueta Vieira Santos, que nasceu nesta casa em 5 de Junho de 1931. Desde este dia que Henriqueta habita nesta casa. Em 2007, com 77 anos de idade, ela vai mudar-se pela primeira vez da casa onde nasceu e sempre viveu, porque a sua casa não tem condições de habitabilidade.

2.1. A descoberta da dimensão existencial nesta casa

Henriqueta está a preparar a sua mudança para a habitação temporária. Ela tem consciência³² que tem muitas “coisas”, como no roupeiro que está cheio deroupa. Através das suas roupas, Henriqueta recorda determinados momentos da sua vida, ela recorda a sua mãe que já faleceu, ela conta quando comprou as roupas, como as pagou, de quem eram, quem lhe ofereceu e por vezes, encontra “coisas” que não via há muito tempo... e até coisas que nunca estreou. Henriqueta abre a porta do roupeiro e diz a rir-se:

“olhe como isto está tudo, olhe como isto está tudo, olhe como isto está tudo (abre gavetas) olhe, não me lembrava desta blusa, até fato de banho

³²“a percepção pelo organismo do seu próprio ser e do ambiente que o rodeia” in Damásio, António, O sentimento de si, 1999: 21

tenho...está picado do bicho (o roupeiro) então e camisas de dormir, olhe lá o que aqui vai, está tudo limpinho e estão arrumadinhas, ou não? Olhe camisas de dormir, coisas de seda... depois é a minha irmã, uma blusa não lhe serve, toma lá, outra blusa não lhe serve, toma lá, e aqui ajunto estas coisas todas...olhe para isto (blusas nos cabides) olhe para isto, olhe, olhe, esta blusa trouxeram da ilha da madeira o bordado e depois eu mandei fazer, é muito bonita, quando vou ao médico e assim....tenho aqui coisas que não estrio, ainda tenho sapatos da minha mãe, veja lá (abre uma caixa) estes aqui são para quando eu morrer, já disse às minhas irmãs (abre outra caixa) outros novos (abre outra caixa) olhe, estes são da minha mãe, eu tenho pena de aventar fora, mas não me servem, coitadinha da minha mãe, morreu sem uma perna (abre outra caixa) aqui tenho outros de verniz, olhe tenho outros para igualar à mala, quer ver...olhe, comprei estes para igualar à mala...agora tenho que dar aqui uma grande escolha, em blusas e casacos, olha, esta há mais de quanto tempo que o comprei e aqui está novo, custou-me isto em prestações uns 70 contos (350 euros) ali numa senhora na rua de torres, olhe para isto, olhe para isto, olhe para estas camiseiras, olhe para isto...ainda bem que mexi aqui, que eu não sabia do meu blusão, este é mesmo de cabedal (cheira) isto é mesmo de cabedal, blusas de malha, ai meu deus onde vou meter tanta coisa...e os fatos e os vestidos que mandei fazer, pouco ou nada o vesti e já não me serve, todo bordado e gostava muito dele (fecha o roupeiro) está a ver esta rouparia....

in “Henriqueta, uma cartografia íntima”, <http://vimeo.com/68640949>

Henriqueta repete compulsivamente “olhe, olhe, olhe para isto...” contudo, perante algumas roupas, ela tem um comportamento diferente: ela retira do roupeiro para mostrar, como os sapatos da sua mãe, o casaco de cabedal e dois vestidos que não veste, mas gosta muito, e as “roupas” que ainda não estreou.

Este roupeiro não é apenas um espaço de acumular “roupas”, de ordem quantitativa ou matemática, mas sim, de ordem qualitativa porque são as suas roupas guardadas, ao longo do tempo. Por outro lado, o carácter deste roupeiro não é apenas uma imagem “olhe, olhe, olhe para isto...”, mas um carácter significativo para a moradora, porque são roupas que fazem parte da biografia do corpo de Henriqueta. Neste roupeiro, apenas o corpo de Henriqueta se orienta e se identifica com as suas roupas³³ porque fazem parte do seu *self autobiográfico*³⁴, isto

³³ “When man dwells, he his simultaneously located in space and exposed to a certain environmental character. The Two psychological functions involved, may be called “orientation” and “identification.” in Schulz, Christian Norberg, *Genius Loci, Towards a phenomenology of architecture*, 1984: 19

é, este roupeiro guarda um arquivo de memórias autobiográficas de são da moradora. As roupas que estão neste roupeiro é como uma colecção de memórias que são apenas de Henriqueta.

Figura nº 8- A descoberta da dimensão existencial do lugar



Fonte: Mourão, Susana e Lucas, Marta, in vídeo still “Henriqueta, uma cartografia íntima” Prática Documentada, 2007112, in <http://vimeo.com/68640949>

Henriqueta tem que seleccionar as suas “coisas”, os seus móveis, as suas roupas, os seus utensílios e os seus objectos, para levar para a habitação temporária. Ela não sabe onde meter os seus móveis e questiona o futuro da sua casa:

Ai meus ricos quartos tão grandes ... uma bela janela para a rua .. abro aqui assim (levanta-se, fecha e abre a portada da janela) e fica aqui uma claridade ... veja lá, quantas coisas que eu tenho aqui neste quarto ... uma cómoda, duas cadeiras, três banquinhas de cabeceira, duas camas, uma mesa, um guarda fato, e mais a cadeira dos lençóis...isto parecem umas salas, como as casas ficarão?

in “Henriqueta, uma cartografia íntima”, <http://vimeo.com/68640949>

³⁴“...é o desenvolvimento da memória autobiográfica, um agregado de arquivos disposicionais que descreve quem nós temos sido fisicamente, quem nós temos sido em termos comportamentais, e quem tencionamos ser, no futuro” in Damásio, António, O sentimento de si, 1999: 213

Ela tem consciência e quantifica os móveis que tem no quarto: 1 cómoda, 2 cadeiras, 3 banquinhas de cabeceira, 2 camas, 1 guarda fatos, etc. Henriqueta tem que seleccionar uma cama para levar para a casa temporária. Ela escolheu levar a cama que era da sua mãe:

“...esta a ver pinte a minha cama ... esta a ver, pinte a minha caminha, esta cama era a da minha mãe, nunca a desmanchei, veja lá, estive aqui sempre ao meu lado, é verdade, e também só agora a desmanchei, a mesinha de cabeceira, ainda estava tudo igual como ela montou, com os retratos dos netos estava tudo aí...”

in “Henriqueta, uma cartografia íntima”, <http://vimeo.com/68640949>

A partir desta cama, começamos a descobrir a estabilidade das “coisas” desta casa, porque pela primeira vez, Henriqueta tirou a cama que era da sua mãe, do lugar onde sempre esteve. A estabilidade das “coisas” nesta casa foi fundamental para o desenvolvimento do *self autobiográfico* de Henriqueta.

Figura nº 9- A descoberta da estabilidade deste lugar



Fonte: Mourão, Susana e Lucas, Marta, in vídeo “Henriqueta, uma cartografia íntima” Prática Documentada, 2007/112, in <http://vimeo.com/68640949>

Para além da cama, Henriqueta guarda os sapatos que eram da sua mãe. Ela não consegue deitar fora e recorda a morte da sua mãe:

“...tenho aqui coisas que nunca estreei, ainda tenho sapatos da minha mãe, estes aqui são quando eu morrer (abre caixa), estes são novos (abre caixa)

estes são da minha mãe (abre caixa) tenho pena de aventar fora, mas não me servem, coitadinha da minha mãe, morreu sem uma perna (abre outra caixa) ...”

in “Henriqueta, uma cartografia íntima”, <http://vimeo.com/68640949>

Como sabemos, Henriqueta nasceu e sempre viveu nesta casa. Neste contexto, o seu sentido de si - sentido de *self*³⁵ - do agora e aqui, sempre esteve ligado ao o lugar estável onde se desenvolveu o seu *self autobiográfico*³⁶, isto é, na sua casa. Assim, para além do seu sentido de si – sentido de *self*- Henriqueta desenvolveu memórias autobiográficas ao longo da sua vida, e neste momento e na sua casa, ela revela a sua subjectividade através das suas “coisas” estáveis na sua casa.

Figura nº 10- A descoberta da dimensão existencial do lugar



Fonte: Mourão, Susana e Lucas, Marta, in vídeo “Henriqueta, uma cartografia íntima” Prática Documentada, 2007/112, in <http://vimeo.com/68640949>

Nesta casa apenas o seu corpo³⁷ de Henriqueta se relaciona com a estabilidade das suas “coisas” e através dela descobrimos a dimensão existencial deste

³⁵ “a espécie mais simples, a que chamo consciência nuclear, fornece ao organismo um sentido de self num momento – agora – e num lugar- aqui. O âmbito da consciência nuclear é o aqui e agora.” in Damásio, António, O sentimento de si, 1999: 35

³⁶ “o self autobiográfico baseia-se na memória autobiográfica, constituída por memórias implícitas de múltiplos exemplos de experiência passada individual e de futuro antecipado. Os aspectos invariantes da biografia de um indivíduo formam base da memória autobiográfica” in Damásio, António, O sentimento de si, 1999: 214

³⁷ “propriedade e capacidade de acção estão também inteiramente relacionadas com um corpo, num determinado instante e num determinado tempo. As coisas que possuímos estão perto do nosso corpo, ou deveriam estar, de forma a poderem permanecer nossas. A capacidade de acção

lugar³⁸porque apenas ela se orienta e se identifica com os significados existenciais³⁹ das suas “coisas”.

Para além do roupeiro, da caixa de sapatos da sua mãe, Henriqueta antecipa o futuro do quadro que está na parede para casa temporária. Este objecto vai ficar por cima dos sofás...

“Esse quadro, não acha que fica muito grande?...Não fica muito grande por cima do sofá?... trouxe o meu irmão de Angola, ele esteve em Angola, pois... tenho que o limpar todo, como um bocadinho de água e polo ali à sombra...”

in “Henriqueta, uma cartografia íntima”, <http://vimeo.com/68640949>

Para além de antecipar o futuro do quadro, Henriqueta conta mais uma história individual do seu passado que viveu nesta casa. Ela recorda que contava histórias a partir deste quadro, aos sobrinhos quando eram pequenos para se deixarem dormir:

Era uma vez, um senhor e uma senhora metido num cavalo, vai ali outra senhora a abanar-se, eram as conversas que eu tinha com os gaiatos para se deixarem dormir...

in “Henriqueta, uma cartografia íntima”, <http://vimeo.com/68640949>

Ao lado do tapete, estão vários retratos, entre os quais, o retrato da sua irmã Esmeralda quando era nova. Henriqueta recorda a sua irmã:

Aquela é a minha irmã quando era mais nova, a minha Esmeralda... a minha esmeralda era tão alegre, aquela minha irmã era a mais alegre da gente todas...

in “Henriqueta, uma cartografia íntima”, <http://vimeo.com/68640949>

Na selecção das suas “coisas” a levar para a habitação temporária, Henriqueta sente o aqui e agora, e em simultâneo, tem uma visão abrangente entre o seu

requer um corpo que actua no tempo e no espaço e não faz sentido sem ele.” in Damásio, António, O sentimento de si, 1999:169

³⁸“To gain an existential foothold man has to be able to orientate himself; he has to know where he is. But he also has to identify himself with the environment, that is, he has to know how he is in a certain place.” in Schulz, Christian Norberg, Genius Loci, Towards a phenomenology of architecture, 1984: 19

³⁹ “Nos organismos complexos como o nosso, equipados com uma vasta capacidade de memória, os fugazes momentos de conhecimento através dos quais descobrimos a nossa existência são factos que podem ser entregues à memória...” in Damásio, António, O sentimento de si, 1999: 212

passado e o seu futuro. E nesta viagem entre o seu passado e o seu futuro, algumas “coisas” têm uma ligação emocional⁴⁰ mais forte do que outras.

Assim, Henriqueta começou por levar para a casa temporária um quadro cheio de fotografias da sua família, e descreve quem são:

“Esta aqui é a minha irmã que está doente, deixa ver se eu a vejo...ai minha irmã... (com uma vassoura Henriqueta indica quem são) esta é a minha irmã, estas são as minhas sobrinhas, este é o meu pai e a minha mãe, esta é a filha da minha irmã, que está doente, este é o meu irmão que está doente e viúvo...aqui está a minha irmã vestida de preto quando tirou o bilhete de identidade de viúva...e aqui, é a minha sobrinha quando teve o bebé (ri-se) que tiram quando estava no hospital, e ela deu-me esta fotografia... esta é minha sobrinha, que eu criei lá, que casou com este senhor muito mais velho, e ali a minha mãe e o meu pai, este é que é o meu sobrinho, o tal que me quer ajudar às coisas, e esta é a mãe das gaiatas, desta e desta, a Beatriz e a outra não me lembro do nome dela ...

in “Henriqueta, uma cartografia íntima”, <http://vimeo.com/68554733>

Através deste quadro cheio de retratos familiares, Henriqueta recorda os seus familiares e o momento em que tiraram aquelas fotografias. Este objecto, evoca uma memória autobiográfica como um arquivo organizado dos principais aspectos da biografia de Henriqueta: quem foram os seus pais, os seus irmãos, os seus sobrinhos. Neste sentido, este objecto faz parte das memórias de um passado invariante de Henriqueta: a sua família.

⁴⁰ “ ...todos os objectos são passíveis de uma ligação emocional, mas alguns objectos são mais passíveis do que outros.” in Damásio, António, *O sentimento de si*, 1999: 79

Figura nº11 – Os primeiros objectos da mudança



Fonte: Mourão, Susana e Lucas, Marta, in vídeo em “Henriqueta, uma cartografia íntima” Prática Documentada, 2007112 in <http://vimeo.com/68554733>

Ao longo deste processo de mudança, o corpo de Henriqueta está envolvido com as suas “coisas” e ela tem consciência dos seus sentimentos, como a tristeza...

“Isto dá-me uma tristeza, isto dá-me uma tristeza, não vejo uma casa arranjada, não vejo... isto tem que ser aos poucos e poucos... as minhas vizinhas já me disseram, Henriqueta nós vamos estranhar muito... mas deixe lá, que eu passo por aqui e falo, tenho então uma que vai chamar-me para beber o café... a casa está quase composta, os meus retratinhos da minha família...”

in “Henriqueta, uma cartografia íntima”, <http://vimeo.com/68554733>

Através das suas palavras, do seu olhar aguado, do sorriso no rosto, do tom de voz ao recordar os momentos passados na sua casa, o corpo de Henriqueta manifesta expressões emocionais de tristeza, ansiedade, melancolia, desorientação, etc. Ela tem consciência que o lugar estável que a protegeu e foi protegido por ela, está a desaparecer aos poucos, com a retirada das suas “coisas” como os seus móveis, as suas roupas, os seus utensílios e os seus objectos.

Henriqueta sente que o seu corpo vai deixar de estar perto da sua casa, porque vai desaparecer e fazer parte das suas memórias autobiográficas, isto é, do seu *self autobiográfico*. Neste sentido, o seu *sentido de si – sentido de self* – do aqui e agora, está em constante interrogação, através das suas “coisas” que são objectos do seu passado pessoal, que facilmente confirmam a sua identidade e a sua subjectividade⁴¹ isto é, “coisas” que serão eternamente re-evocadas através das memórias pessoais de Henriqueta.

Por outras palavras, o corpo de Henriqueta manifesta emoções de perda que são equivalentes ao sentimento de luto, porque o lugar onde o seu corpo se orientou e se identificou vai desaparecer. Assim, podemos afirmar que a sua casa é equivalente simbólico ao seu corpo⁴² onde as suas “coisas” que são objectos antropomórficos⁴³ pela capacidade que têm de ir além da sua presença – aqui e agora – são capazes de gerar um sentido autobiográfico passado, como um abrigo protector que se projecta para um futuro incerto, que Henriqueta questiona a cada momento no seu processo de realojamento.

2.2. A emergência da dimensão existencial

Com a mudança para a habitação temporária, a casa ficou vazia: o lugar que protegeu e foi protegido por Henriqueta já não tem as suas “coisas”, os móveis, as roupas, os utensílios nem os objectos. Este lugar apenas existe na memória de Henriqueta. O seu corpo nunca sentiu a sua casa vazia. Ela sabe que a sua casa vai ser demolida.

Henriqueta abre a porta da sua casa vazia e começa a chorar e a limpar as suas lágrimas:

“Ai a minha casa, ai a minha casa (chora, limpa o rosto, silencio)...”

in “Henriqueta, uma cartografia íntima”, <http://vimeo.com/68844274>

⁴¹in Damásio, António, *O sentimento de si*, 1999: 238

⁴² “Os objectos têm assim - os móveis especialmente - além de sua função prática, uma função primordial de vaso, que pertence ao imaginário e a que corresponde a sua receptividade psicológica. São portanto o reflexo de toda uma visão do mundo onde cada ser é concebido como um “vaso de interioridade” e as relações como correlações transcendentais das substâncias – sendo a própria casa o equivalente simbólico do corpo humano, cujo poderoso esquema orgânico se generaliza em seguida em um esquema ideal de integração das estruturas sociais.” in Baudrillard, Jean “O sistemas dos objectos”, 2002: 34

⁴³ “Seres e objectos estão aliás ligados, extraíndo os objectos de tal conluio uma densidade, um valor afectivo que se convencionou chamar a sua “presença”. Aquilo que faz a profundidade das casas de infância, sua pregnância na lembrança, é evidentemente esta estrutura complexa de interioridade onde os objectos despenteiam diante de nossos olhos os limites de uma configuração simbólica chamada residência. A cesura entre o interior e o exterior, sua oposição formal sob o signo social da propriedade e sob o signo psicológico da imanência da família faz deste espaço tradicional uma transparência fechada. Antropomórficos, estes deuses domésticos, que são objectos, se fazem, encarnando no espaço os laços afectivos da permanência do grupo, docemente imortais até que uma geração moderna os afaste ou os disperse ou às vezes os reinstaure em uma actualidade nostálgica de velhos objectos” in Baudrillard, Jean “O sistemas dos objectos”, 2002: 22

Dentro da sua casa apenas ficaram as marcas deixadas pelos móveis e objectos que estavam nas paredes. Dentro da casa estava um poço escondido junto à porta, agora está à vista. Henriqueta recorda momentos passados e repete comportamentos, como ver se o poço tem água:

“Graças a deus ninguém teve tendência para se deitar dentro do poço, depois eu não sei como os bombeiros tiravam daí uma pessoa... vamos lá espreitar se o poço tem muita água (atira uma pedra e ri-se) mas tem água...”

in “Henriqueta, uma cartografia íntima”, <http://vimeo.com/68844274>

Henriqueta continua chorosa e limpa as lágrimas. Subitamente ela tem consciência da necessidade de obras da sua casa, e apesar da sua casa vazia, ela continua a lembrar momentos passados:

“(chorosa) ela agora precisava de ser caiada, mas há dois anos que ele me dizia, d. Henriqueta não caie e isto breve será caiado para obras, mas se eu pudesse eu caiava... (chorosa)...isto há muitos anos que não levava obras, as obras que faziam era o meu pai, o meu pai mandava cimentar o chão (chorosa) a casa já levou plátex e já foi comigo (chorosa) o que eu ganhava a servir e a minha mão também a trabalhar mandamos o pedreiro fazer (chorosa)...

in “Henriqueta, uma cartografia íntima”, <http://vimeo.com/68844274>

A moradora conta as origens da sua casa:

“... Esta casa era uma manjedoura, tinha aqui uma manjedoura e era uma casa de peles, para forrarem de peles, e compravam peles e curavam com sal, e a minha mãe está claro, quando casou com o meu pai, para aqui que veio, aqui criaram toda a gente e aqui casaram, e eu fiquei (chora e silêncio)”

in “Henriqueta, uma cartografia íntima”, <http://vimeo.com/68844274>

A irmã de Henriqueta apoia-a para não chorar, e ela conta:

“A minha irmã diz que eu tenho que me animar, tu vais ficar com uma casa nova, e eu digo, eu não precisava de uma casa nova, que me tratassem das paredes e dos telhados, eu já não queria nova...”

in “Henriqueta, uma cartografia íntima”, <http://vimeo.com/68844274>

No quarto vazio, Henriqueta conta a história dos tectos:

“Eu mandei forrar os tectos a platex, os tectos eram altos e custavam muito a caia-los, eram só pingas no chã, pingas em cima da gente e eu

mandei forrar os tectos... (silencio) o chão sempre foi assim, nunca o pinteí,
lavava-o... (Silencio, melancolia, infinito....)”

in “Henriqueta, uma cartografia íntima”, <http://vimeo.com/68844274>

Henriqueta está a despedir-se da sua casa. Através da sua casa vazia, ela manifesta o seu *self autobiográfico* mais profundo da sua existência, através das origens profundas da sua casa.

Figura nº 12 – A despedida da casa



Fonte: Mourão, Susana e Lucas, Marta, in vídeo “Henriqueta, uma cartografia íntima” Prática Documentada, 2007112 in <http://vimeo.com/68844274>

Ela recorda a sua casa através do tempo que os seus pais foram viver para ali, quando nasceram os seus irmãos, quando os seus irmãos se casaram, quando os seus irmãos foram embora, quando os seus pais morreram e ela ficou ali, sozinha na sua casa.

Henriqueta precisa de tempo e de espaço existencial, porque este tempo e espaço – aqui e agora - é outro ... ela apenas se orienta e se identifica através da memória deste lugar, a sua casa já faz parte do seu *self autobiográfico*. agora vazio mas cheio de memórias profundas da sua existência...

Este tempo e espaço existencial - aqui e agora - é para o seu corpo fazer a sua travessia⁴⁴entre o seu *self autobiográfico*, a sua casa vazia cheia de memórias profundas da sua existência e o seu futuro incerto, cheio de desorientações, desejos, anseios e muitas dúvidas...

Figura nº13 – A despedida da casa



Fonte: Mourão, Susana e Lucas, Marta, in vídeo “Henriqueta, uma cartografia íntima” Prática Documentada, 2007112 In <http://vimeo.com/68844274>

⁴⁴“Contudo, ter substituído a questão do património na perspectiva antropológica que é a sua, não coloca mais isso por à nosso disposição os meios de reapropriação da competência de edificar, que dizer, de empreender a travessia concreta e prática do espelho patrimonial, que resta agora evocar. Esta travessia não pode ser tentada senão através da mediação do nosso corpo. Ela passa, precisamente, por um corpo a corpo, o corpo humano com o corpo patrimonial. Ao primeiro, cabe mobilizar e recolocar em alerta todos os sentidos, restabelecer a autoridade do toque, da cinestesia, da cinética, da audição e do próprio odor e recusar, conjuntamente, a hegemonia do olhar e as seduções da imagem fotográfica ou numérica. Ao segundo, incumbiria um papel propedêutico: fazer aprender ou reaprender as três dimensões do espaço humano, as suas escalas, a sua articulação, a sua contextualização, na duração das travessias, de voltas e percursos comparáveis aos par couer (de cor) da memória orgânica, doravante negligenciados pela instituição escolar e que permitiam aos académicos de outrora que se apropriassem do seu património literário.” in Choay, Françoise, 2000: 224

Figura nº14 – A despedida da casa



Fonte: Mourão, Susana e Lucas, Marta, in vídeo “Henriqueta, uma cartografia íntima” Prática Documentada, 2007112 in <http://vimeo.com/68556997>

Enquanto projecto, é necessário transmitir a Henriqueta uma ideia de futuro, quanto à reabilitação da sua casa, para ela começar a ter uma imagem mental do futuro da sua casa, *in loco*. O Arquitecto Pedro Marques vai mostrar-lhe as transformações da sua casa e retirar dúvidas. Henriqueta começa por lhe contar que deitou fora muitas “coisas” e quer saber se as casas vão ficar pequeninas:

“...aventar fora roupa minha, aventar fora mobílias, e agora quando vier para cá de certeza que as casas vão ficar mais pequeninas não é verdade, Sr. Arquitecto?”

in “Henriqueta, uma cartografia íntima”, <http://vimeo.com/68844274>

Quando está na cozinha ela confessa que ainda não acredita que a sua casa vai ser reabilitada:

“...ainda parece mentira Sr. Arquitecto.”

in “Henriqueta, uma cartografia íntima”, <http://vimeo.com/68844274>

No quarto vazio, a moradora continua a contar a origem da sua casa:

“(no quarto) esta casa não tinha água, não tinha luz, não tinha vidros na janela, não tinha o corrimão, lá em baixo era uma manjedoura, quer dizer, a minha mãe casou para aqui, aqui teve tantos filhos, e casaram os meus irmãos, eu fiquei solteira, a sofrer isto tudo, está a perceber, e morreram os meus pais, mas se deus quiser vai correr bem...”

in “Henriqueta, uma cartografia íntima”, <http://vimeo.com/68844274>

Ela quer saber se no futuro quarto irão caber as duas camas:

“(ela questiona o arquitecto) aqui não vai caber duas camas pois não?...a cama da minha mãe de ferro e uma de casal que era do meu pai e da minha mãe...”

in “Henriqueta, uma cartografia íntima”, <http://vimeo.com/68844274>

Figura nº15 – A casa no futuro



Fonte: Mourão, Susana e Lucas, Marta, in vídeo “Henriqueta, uma cartografia íntima” Prática Documentada, 2007112 in <http://vimeo.com/68556997>

O realojamento temporário é próximo da sua casa em reabilitação. Esta proximidade permite que a moradora mantenha as suas relações de vizinhança, ao mesmo tempo que acompanha o processo de reabilitação da sua casa. Manter esta

ligação com a reabilitação da sua casa é essencial, porque reabilitar é sinónimo de habitar⁴⁵.

Figura nº16– Visita à obra



Fonte: Mourão, Susana e Lucas, Marta, in vídeo “Henriqueta, uma cartografia íntima” Prática Documentada, 2007112 in <http://vimeo.com/68642524>

Com a visita à obra, Henriqueta entra e começa a falar da sua casa, nomeadamente onde irá colocar as suas coisas e recorda onde tinha algumas das suas “coisas” antes da obra:

“Aqui fica este arco e ali é que fica a buraca....eu estou para ver, o meu sobrinho vai-me dar um cadeirão novo que não o quer, e eu estou a ver aqui assim, se cabe o cadeirão.... este bocado aqui era da minha máquina de lavar...”

in “Henriqueta, uma cartografia íntima” , <http://vimeo.com/68642524>

Henriqueta tem consciência que não reconhece a sua casa. Ela recorda a meia porta que estava sempre aberta, e que os vizinhos entravam porque existe uma relação familiar, na Rua do Cano 75:

⁴⁵ Segundo Heidegger, “construir é, em seu ser, fazer habitar. Realizar o ser do construir é edificar lugares mediante a agregação de seus espaços. Só quando podemos habitar é que podemos construir” in Choay, Françoise, 2005: 348

“... já derrubaram um bocado da parede da chaminé, ainda bem, a ver se tenho a minha porta sempre fechada, a porta fica no mesmo tamanho, não fica meia porta ... estou muito bem (casa temporária) estou com a porta sempre fechada, aqui levantavam sempre a cortina e espreitar, a mim não me fazia diferença ... já moram aqui há tantos anos, isto é quase tudo uma família ...”

in “Henriqueta, uma cartografia íntima” , <http://vimeo.com/68642524>

Contudo, Henriqueta recorda a sua mãe:

“A minha mãe casou para aqui, a minha mãe já era casada já esta casa era velha...”

in “Henriqueta, uma cartografia íntima” , <http://vimeo.com/68642524>

As vizinhas aparecem assim que a moradora vai ver a obra da sua casa. Segundo uma vizinha e Henriqueta a casa está cheia de arcos, e por isso deve ficar “histórica”, o imaginário da questão Patrimonial está presente nos moradores do Centro Histórico de Évora:

Henriqueta : “Esta minha casa é tudo arcos, é tanto arco, tanto arco”

Vizinha: “é mal empregada não ficar histórica! histórica?...sim com os arcos tudo assim...”

Henriqueta: “ah”

in “Henriqueta, uma cartografia íntima” , <http://vimeo.com/68642524>

Em 2012, Henriqueta regressa e reabita a sua "casa". Com ela vieram as suas “coisas”, os seus móveis, as suas roupas, os seus utensílios e os seus objectos, que a acompanharam durante o processo de reabilitação da sua casa.

Figura nº 17- Regresso à casa



Fonte: Mourão, Susana e Lucas, Marta, in vídeo “Henriqueta, uma cartografia íntima” Prática Documentada, 2007112 in <http://vimeo.com/68858065>

O roupeiro regressa e fica no seu quarto assim como, a cama que era da sua mãe. Henriqueta tem consciência que tem muita roupa:

“Ahahahah, três guarda fatos, que eu não sei, com tanto fato e ando sempre com o mesmo, quase com o mesmo não, também o lavo, pois com certeza, ... então e o que há aqui debaixo da cama, caixas e além mais caixas com roupa...agora já passei as blusas para no verão para as vestir...”

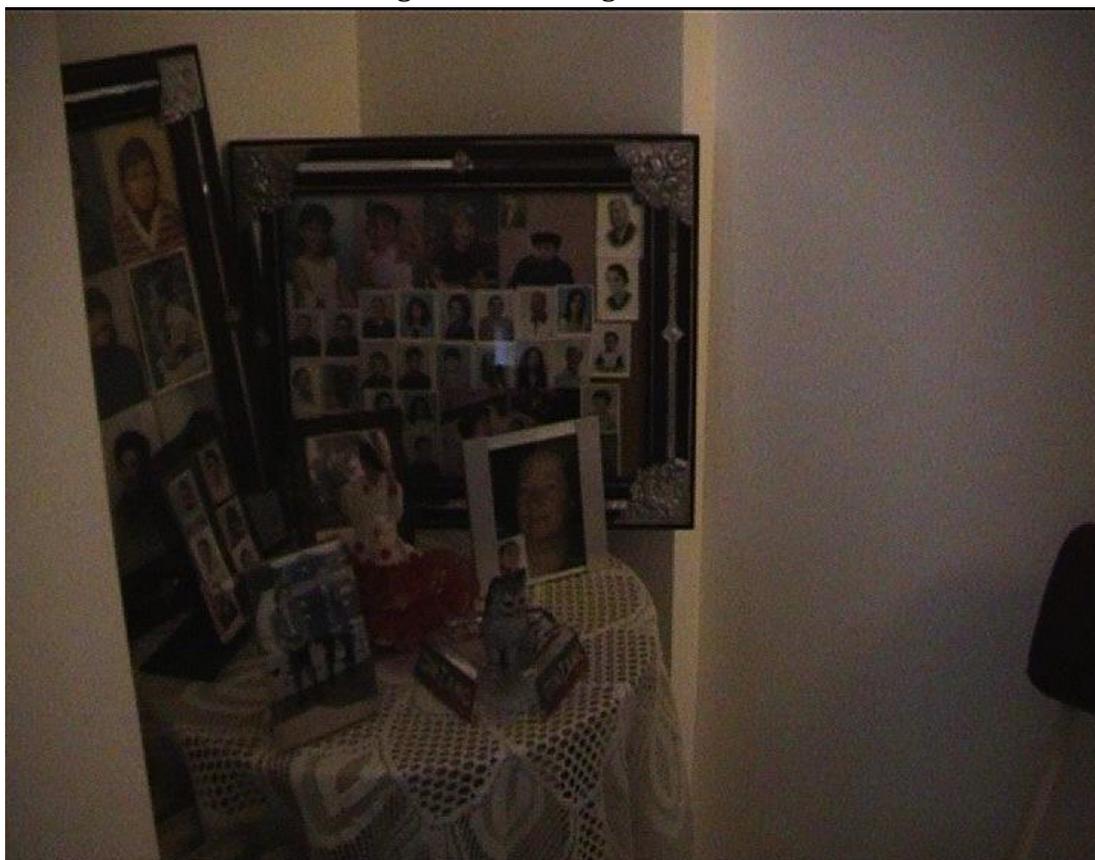
in “Henriqueta, uma cartografia íntima”, <http://vimeo.com/68858065>

Para além do roupeiro, Henriqueta traz os seus quadros cheios de fotografias. Mais uma vez, a moradora fala da sua família grande:

“... aqui é o meu irmão quando andava na tropa, este o zé Manuel, este que está aqui, esta era a minha São, olha lá o cabelo (ri-se) tinha o cabelo tão ondulado, não gostava nada de se pentear, ali é a minha mãe com a primeira neta ao colo, aquele é o meu irmão que faleceu, ali são as minhas sobrinhas, esta é aquela que toda coisa, cheia de energia, sempre foi gorda ... Estas duas aqui são filhas dela, esta e esta são filhas dela, este é o meu pai e a minha mãe, ai...tenho uma família tão grande tão grande...”

in “Henriqueta, uma cartografia íntima”, <http://vimeo.com/68858065>

Figura nº 18 - Regresso à casa



Fonte: Mourão, Susana e Lucas, Marta, in vídeo “Henriqueta, uma cartografia íntima” Prática Documentada, 2007112 in <http://vimeo.com/68858065>

Segundo Henriqueta, a sua casa está decorada com fotografias, e através delas ela recorda o momento em que foram tiradas e como era a sua casa antes das obras:

“A minha casa está composta só de retratos, só de retratos ... olha, além é o meu João, coitadinho andavam ali uma pessoas a tirar umas fotografias, e eu tinha-o cá, e havia uma lado aqui assim, onde eu tinha a máquina e desviei a máquina para onde eu fazia o comer, e pu-la ali a um canto, e andavam ali uns senhores à pergunta de quem queria tirar retratos cá em casa, e eu mandei cá o senhor e estava a dar de comer ao meu João, e eu tinha esta camila com este pano até, (mostra a fotografia no porta retrato) e tinha aqui o meu João, que agora está a tirar o mestrado, e eu estava a dar-lhe de comer esta é a minha sobrinha que me ajuda também...”

in “Henriqueta, uma cartografia íntima”, <http://vimeo.com/68858065>

Henriqueta também comprou “coisas” novas, como móveis, roupas, utensílios e objectos. A sua casa ficou com novas funcionalidades como uma cozinha nova com equipamento fixo, uma casa de banho completa, um roupeiro novo e ela comprou

“coisas” novas para as novas funções e uso do dia a dia. Na cozinha ela tem um fogão contemporâneo e já sabe trabalhar com ele:

“o nove é o máximo ... este é melhor que este...”

in “Henriqueta, uma cartografia íntima”, <http://vimeo.com/68858065>

Figura nº19 : O regresso à casa



Fonte: Mourão, Susana e Lucas, Marta, in vídeo “Henriqueta, uma cartografia íntima” Prática Documentada, 2007112 in <http://vimeo.com/6885806>

Figura nº20: Regresso à casa



Fonte: Mourão, Susana e Lucas, Marta, in vídeo “Henriqueta, uma cartografia íntima” Prática Documentada, 2007112 in <http://vimeo.com/68858065>

No roupeiro novo, Henriqueta guarda a sua roupa e mostra a roupa nova e aquela que nunca estreou. [Após mostrar a sua roupa, a moradora conta que deitaram muitas “coisas” suas para o lixo: os seus móveis, os seus utensílios...](#)

“O quarto do meu irmão aventaram tudo fora, foi cama, foi banco, foram banquinhas de cabeceira, foi tudo fora, aquele armário que eu tinha branco em frente da porta, também o aventaram fora, as coisas velhas vizinha a minha sobrinha, as coisas velhas não vão para a casa nova, aventaram muita coisa, até caces, os batedores dos bifés, tachos velhos, velhos não, mas já se compram pretos e ficavam pretos, faziam-se lá umas omoletes que pareciam um bolo, eu sei lá o que me aventaram, foi pires, foi chávenas, foi copos partidos com falhas, ela aventaram tantas coisas, eu não sei, eu ultimamente é que tenho achado falta das coisas...”

in “Henriqueta, uma cartografia íntima”, <http://vimeo.com/68858065>

Com a sua roupa, Henriqueta tem uma relação muito forte. Ela diz que não quer que lhe tirem a roupa para o lixo. Ela tem consciência que muitas “coisas” mas são dela:

“É assim, e agora qualquer dia vou aí escolher um fato, e só fica aí um fato no guarda fatos, disseram-me elas (ri-se) aventem lá as suas coisas e deixem lá as minhas e escutem, quando eu morrer , quando eu morrer, faz favor não aventem nada, chamem as cáritas e deem as coisas às cáritas, já disse à minha irmã, e já disse às minhas sobrinhas, não aventem nada para o lixo, que eu estimava a minha roupa (silencio) deem às cáritas, foi o que a minha sobrinha fez com a minha irmã, deu sacos e sacos de roupa (silencio) eu ainda tenho algumas coisas dela, minha sobrinha também me deu algumas coisas da minha irmã (silêncio) ...sinto falta das coisas, uma vez , tinha cá uma saladeira quando juntava cá 10 e 11 pessoas , onde eu temperava a salada , até essa saladeira não aparece , e era os tachos que eu tinha que eram tão bons que não pegavam , aventaram tachos, eram copos rachados, a minha irmã diz que as coisas chegam-me bem para mim, é verdade, de certa forma eu estou sozinha...”

in “Henriqueta, uma cartografia íntima”, <http://vimeo.com/68858065>

As “coisas” que deitaram para o lixo, como os seus móveis, as suas roupas, os seus utensílios e os seus objectos, foram aqueles que perderam a sua função e o seu uso, como a meia-porta que estava na sua casa:

Figura nº 21 : A meia porta que foi deitada fora



Fonte: Mourão, Susana e Lucas, Marta, in vídeo “Henriqueta, uma cartografia íntima” Prática Documentada, 2007112 in <http://vimeo.com/68858065>

Henriqueta tem consciência da falta da meia porta, porque agora tem uma porta diferente e ela sente-se sozinha em casa. Quando tinha a meia porta, ela tinha a porta sempre aberta, e agora tem a porta sempre fechada:

“Então eu não lembro da minha cozinha, ali à frente a fazer o comer, a minha meia porta, a minha mãe bastante fotografias lhe tiravam ali, até os estrangeiros lhe tiravam retratos à minha mãe, é verdade, até os estrangeiros (silencio)... Mas estranho a meia porta, estranho a meia porta, estou sempre aqui fechada, esta gente nem sabe que eu cá estou, pois, se não batem à porta...às vezes abro a porta, elas dizem, não abra a porta vá à janela, olhe que isto anda aí uma vadiagem, senão qualquer dia, empurraram-na e deixam-na cair e fazem-lhe mal e está aqui sozinha, mas por enquanto não ...”

in “Henriqueta, uma cartografia íntima”, <http://vimeo.com/68858065>

Todos os dias Henriqueta afirma que se lembra das suas “coisas” até dos objectos quotidianos da sua cozinha:

“Então e o batedor, até o batedor dos bifés, estou farta, até a minha irmão, olha estou farta de te ouvir, toma lá um cace novo, até me deu um cace novo, toma lá um cace novo e deixa lá de falar no cace , estou farta de te ouvir falar no cace, eu tinha dois caces agora não aparece nenhum, até o ralo de bater os coentros, o deitaram fora... Eu todos os dias me lembro de coisas, todos os dias me lembro de coisas, lá vens tu, lá vens tu dizer que te faltam coisas, ainda tens lá coisas que sobram...”

in “Henriqueta, uma cartografia íntima”, <http://vimeo.com/68858065>

Por outro lado, Henriqueta reclama das paredes brancas:

“Pois, isto agora das paredes, eu quero coisas nas paredes, isto parece uma casa não sei de que não ter nada nas paredes, as coisas nas paredes também compõem as coisas ? (silencio)”

in “Henriqueta, uma cartografia íntima”, <http://vimeo.com/68858065>

Após 6 meses da mudança definitiva, para a sua Casa na Rua do Cano 75, Henriqueta fala da sua vivência. A idosa está em adaptação às novas funções da sua casa. Ela fala das suas “coisas”, dos seus móveis, dos seus utensílios, das suas roupas e dos seus objectos que não fazem parte da sua casa reabilitada.

Henriqueta recorda das “coisas” que tinha na sua casa. Ela recorda estas histórias passadas da sua vida porque o seu corpo deixou de sentir as suas “coisas”, os seus móveis, as suas roupas, os seus utensílios e os seus objectos. O seu corpo sente falta porque já não estão ali. Foram deitados para o lixo.

Figura nº22: O Regalo com as panelas que foi deitado fora



Fonte: Mourão, Susana e Lucas, Marta, in vídeo “Henriqueta, uma cartografia íntima” Prática Documentada, 2007/112 in <http://vimeo.com/68858065>

É como o regalo que ela tinha na cozinha. Henriqueta tem uma cozinha nova adaptada a todas as funções mas o seu corpo desorienta-se e procura o regalo onde tinha as panelas à vista.

Para terminar, através de Henriqueta podemos afirmar que podemos deitar para o lixo as “coisas” como os móveis, as roupas, os utensílios e os objectos que perderam a sua função e o seu uso, mas não perderam a sua função emocional, de recordar, de viver, de sentir a sua dimensão existencial.

3. Considerações finais

Em 2012, com o regresso da moradora à sua casa na Rua do cano 75, em Évora, esta prática audiovisual foi mostrada à Henriqueta e à sua família, que aceitaram a apresentação pública deste trabalho. Assim, surgiu o documento “Henriqueta, uma cartografia íntima” 2008 | 2012, ao longo das diferentes etapas do processo de reabilitação da sua casa.

Como sabemos, este edifício está situado no Centro Histórico de Évora, Património da Humanidade desde 1986 pela UNESCO, que é um conjunto de valor patrimonial, onde estão inseridos 35 imóveis classificados por decreto e 190 elementos de valor patrimonial, sendo um elemento primordial de estruturação, caracterização e identificação da cidade de Évora.

O Centro Histórico de Évora é objecto de uma política de Salvaguarda e Valorização Patrimonial, no Plano de Urbanização de Évora, que assenta na preservação do seu carácter e dos elementos que determinam a sua imagem, isto é, todas as intervenções devem seguir o rigor de um projecto de arquitectura condicionado às regras urbanísticas específicas, de acordo com as diferentes classificações patrimoniais.

O edifício na Rua do Cano 75, foi reabilitado pelo programa REHABITA enquanto programa específico para a Salvaguarda e Valorização Patrimonial. Neste edifício, como sabemos, nasceu e sempre viveu Henriqueta Vieira Santos. Olhando para o projecto de arquitectura, nada nos diz sobre quem vive nesta casa. O espaço deste edifício é projectado como um vazio, mas está cheio de “coisas”, como móveis, roupas, utensílios e objectos que são de Henriqueta.

Entrar na casa de Henriqueta, só foi possível através da gestão relacional desenvolvida no âmbito do processo de reabilitação da sua casa, que permitiu participar nesta experiência com a moradora. Henriqueta teve consciência desde o início do projecto de reabilitação, que ela tinha de sair temporariamente da sua casa, para a realização das obras.

Como sabemos, quando começou o processo de realojamento, ela teve consciência que tinha muitas “coisas” na sua casa. Ao seleccionar as suas “coisas” como os seus móveis, roupas, objectos e utensílios, naquele momento e naquele lugar – aqui e agora – Henriqueta começou a recordar as memórias do seu passado autobiográfico, ao mesmo tempo que questionava a estabilidade das suas “coisas”.

Neste contexto, não só Henriqueta saíu pela primeira vez da casa, onde nasceu e sempre viveu, como as suas “coisas” saíram pela primeira vez, do lugar onde sempre estiveram. Através do seu *sentido de si – sentido do seu self* – Henriqueta teve consciência que estava naquele momento na sua casa – agora e aqui – e a partir da estabilidade das suas “coisas”, ela viajou pelo seu passado autobiográfico ao mesmo tempo que questionou o seu futuro incerto.

Nesta viagem, entre o seu passado e o seu futuro incerto, onde apenas o seu corpo se orientava e identificava na sua casa, descobrimos a dimensão existencial deste lugar. Naquele momento e naquele lugar, Henriqueta questionou compulsivamente, o seu *sentido de si – o seu sentido de self* – manifestando a sua subjectividade.

Com o esvaziar da sua casa, Henriqueta foi tendo consciência que o lugar estável da sua vida foi desaparecendo. Aos poucos, aquela orientação e identificação foi fazendo parte das suas memórias autobiográficas -*self autobiográfico*.

Na casa vazia, Henriqueta apenas se orientou e se identificou com a sua casa através da sua memória. O seu *sentido de si – sentido de self*- do aqui e agora já é outro... Na casa vazia, Henriqueta recordou as origens mais profundas da sua existência, os seus pais quando foram viver para esta casa, os seus irmãos que nasceram aqui, os seus irmãos que se casaram, os seus irmãos foram embora e apenas ela ficou, ali sozinha...

O corpo de Henriqueta chorou...ela precisou de tempo e espaço existencial para fazer a sua travessia entre as suas memórias mais profundas da sua casa e o seu futuro incerto, cheio de desejos, anseios e muitas dúvidas... O corpo de Henriqueta não sentia a suas “coisas” próximas, por isso, ela precisou de se despedir da sua casa!

Por outro lado, foi essencial mostrar o futuro da sua casa, para ela manter uma ligação corporal com o seu futuro. A moradora acompanhou a reabilitação e as transformações da sua casa, ao mesmo tempo que manteve as ligações com as suas vizinhas. Ao longo deste processo, Henriqueta manteve sempre a viagem pelas memórias autobiográficas e teve consciência da transformação da sua casa.

Em 2012, com a casa reabilitada, Henriqueta regressou definitivamente à sua casa e com ela as suas “coisas” que a acompanharam no processo de realojamento. Ela comprou “coisas” novas para as novas funcionalidades e usos da sua casa. Contudo, deitaram para o lixo as “coisas” de Henriqueta que perderam o seu uso e a sua função. Ela reclama compulsivamente pelas suas “coisas” como os móveis, utensílios, roupas e objectos. Ela recorda compulsivamente as suas “coisas” através do seu arquivo autobiográfico. O seu corpo sente falta.

Neste sentido, através de “Henriqueta, uma cartografia íntima” podemos afirmar que deitamos fora “coisas” como móveis, objectos, roupas e utensílios que perderam a sua função e uso, mas não perderam a sua função emocional, de recordar, viver, sentir a sua dimensão existencial.

Com “Henriqueta, uma cartografia íntima” reagimos à política de Salvaguarda e Valorização do Centro Histórico de Évora, que assenta na preservação de uma imagem Patrimonial e esquece que este lugar é fenómeno do dia a dia da vida humana. Sendo assim, o Centro Histórico de Évora é um lugar habitado e habitar num lugar, o seu espaço não é de ordem quantitativa mas sim de ordem qualitativa, e o seu carácter não é apenas uma imagem mas sim um carácter significativo para quem habita.

Deste modo, esta política de Salvaguarda e Valorização assenta na contemplação passiva e narcísica da sua imagem patrimonial, e esquece a dimensão existencial de quem vive no Centro Histórico de Évora.

Para terminar, a partir de “Henriqueta, uma cartografia íntima” 2008 l 2012, é urgente pensar, que intervir nas cidades é equivalente sinónimo de intervir no corpo de quem habita nos lugares, sendo urgente o seu direito à dimensão existencial.

Bibliografia

BAUDRILLARD, Jean “O sistemas dos objectos”, Edições Perspectiva, São Paulo, 1973

CHOAY, Françoise, O Urbanismo, utopias e realidades, Uma antologia, Editora perspectiva, 3ª edição, São Paulo, 1965

CHOAY, Françoise, A Alegoria do Património, edições 70, Lisboa, 2000

DAMÁSIO, António, O sentimento de si, Corpo, emoção e consciência, Circulo de leitores, 1999

DUBET, François, A sociologia da experiência, Edições Piaget, 1996

GUERRA, Isabel, Fundamentos e Processos de Uma Sociologia da Acção, O planeamento em Ciências Sociais, Principia, Cascais, 2001

SCHULZ, Christian Norberg, Genius Loci, Towards a phenomenology of architecture, Rizzoli International Publications, New York, 1984

SENNET, Richard, O corpo e a civilização ocidental, Editora Record, São Paulo, 2003

SILVA, Jorge Ribeiro, Antrologia Visual, Da minúcia do olhar ao olhar distanciado, Edições Afrontamento, Porto, 2004

MOURÃO, Susana, A emergência da dimensão existencial nas cidades, Uma proposta a partir do Centro Histórico de Évora, in revista infohabitar, LNEC, 2013

MOURÃO, Susana, Do projecto de reabilitação de edifícios ao projecto de reabilitação emocional – REHABITA, in actas do 2º congresso Internacional da Habitação em Espaço Lusófono, 2013